

PARA UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

Sebastião Josué Votre

Enquanto se multiplicam as teorias lingüísticas e as alternativas de abordagem das línguas naturais, são ainda irrelevantes em número as contribuições da Lingüística Portuguesa nos domínios da fonologia, da sintaxe e da semântica. Por outro lado, quase inexistem, em nossos centros de pesquisa, projetos integrados de utilização dos resultados da Lingüística Portuguesa para elaborar alternativas de solução aos problemas e desafios específicos do desempenho verbal do falante nativo de português.

Com a intenção de contribuir, ainda que em abordagem provisória, com os estudos de semântica aplicada ao português, procuramos neste trabalho apresentar a Semântica dos Casos Profundos na sua versão atual (1975, 1976); e tentamos descrever e explicar, por esse modelo, alguns aspectos da sentença e algumas classes de verbos do português. Na mesma linha "aplicacional", procuramos analisar, em termos semânticos, o poema As Palavras, da autoria de Gilberto Mendonça Teles.

I — O MODELO SEMÂNTICO

A Teoria dos Casos Profundos surgiu na década de 60, inicialmente como tentativa, da parte do lingüista americano Charles Fillmore, de otimizar as operações do componente de base da gramática, proposto por Noam Chomsky em *Aspects of the Theory of Syntax*.

O modelo de Fillmore desenvolveu-se rapidamente dentro e fora dos Estados Unidos. Hoje constitui-se em ramo importante dos estudos de semântica, envolvido, entre outras tarefas, na da investigação dos universais lingüísticos.

A concepção inicial de Fillmore era sintático-semântica; ele as-

segurava que a base da gramática se configura por funções semânticas desempenhadas por sintagmas nominais em relação ao verbo, que é o núcleo da Proposição. Esses sintagmas nominais, que desempenham função semântica de Agentivo, Objetivo, Instrumental, Experienciador, etc., ocorrem não-ordenados na Estrutura Profunda. Nos termos de Fillmore, uma Proposição corresponde a um Verbo acompanhado por Sintagmas Nominais não-ordenados.

A ordenação dos sintagmas nominais na Estrutura Superficial na forma convencional de sujeito e objeto depende de razões pragmáticas do ato de fala e de restrições de hierarquia semântica.

Nesta perspectiva não existem, portanto, na Estrutura Profunda, as funções de Sujeito e de Objeto — que correspondem à superficialização dos sintagmas nominais na Estrutura Superficial:

— se na Estrutura Profunda constar o verbo e um sintagma nominal na função de Caso Objetivo, este sintagma nominal se superficializa como sujeito:

(1) O avião explodiu.

— se na Estrutura Profunda constar o verbo, um caso Instrumental e um Caso Objetivo, qualquer destes casos pode superficializar-se como sujeito:

(2) Uma bomba explodiu o avião.

(3) O avião explodiu com uma bomba.

— se na Estrutura Profunda tivermos o verbo acompanhado por um Caso Agentivo, um Caso Instrumental e um Caso Objetivo, a expectativa natural é que o Agentivo se superficialize como sujeito:

(4) O seqüestrador explodiu o avião com uma bomba.

Enquanto as sentenças (1-4) são naturalmente aceitáveis, as sentenças seguintes não o são, em nível denotativo, por inobservância dos princípios de hierarquia semântica:

? (5) O avião explodiu com o seqüestrador com a bomba.

? (6) Uma bomba explodiu o avião com o seqüestrador.

Em (5), **seqüestrador** e **bomba** não mais correspondem, numa primeira leitura, a responsáveis pela explosão. Em (6), a leitura possível não interpreta seqüestrador como Agentivo. Também na sentença seguinte ele não é Agentivo:

(7) O avião explodiu com o seqüestrador.

A Teoria dos Casos Profundos vem se afastando, progressivamente, dos testes sintáticos; disso decorre uma atenção maior aos

testes com traços semânticos. Conservando as linhas gerais da formulação clássica de Fillmore, os teóricos atuais (Cook, 1972); Nilsen, 1975) afirmam que a Estrutura Profunda se configura por primitivos semânticos (CASOS) articulados aos verbos e / ou entre si, através dos verbos.

Para Nilsen, as considerações semânticas desempenham o papel fundamental na determinação das restrições contextuais e nos modos de expressão agrupados sob o mesmo caso. As principais vantagens da operação com traços semânticos apontadas por ele são:

- a) os traços semânticos são dados primários, universais;
- b) os resultados da análise através dos traços apresentam alto grau de consistência interna e externa;
- c) os mesmos traços, através de combinatórias específicas, definem com precisão todos os casos;
- d) as correlações entre os casos são transparentes, por eles se definirem por traços;
- e) os resultados da análise são intuitivamente acurados;
- f) pode-se atingir o nível explanatório para concorrência de casos, topicalização, passivização e mudança semântica.

A matriz casual que se apresenta a seguir é uma adaptação de Nilsen (1973, 1975) e de Cook (1972). Ela opera apenas com os casos proposicionais. Pode considerar-se como semanticamente definida, uma vez que especifica os casos em termos de seus traços semânticos inerentes. Os desvios interpretativos em relação a Nilsen têm importância marginal. Propriamente a contribuição de Cook não está manifesta na matriz, e sim na tipologia verbal que apresentamos logo adiante.

Os traços semânticos utilizados na determinação dos casos são:

+ Intencional	+ Animado
+ Causa	+ Concreto
+ Controlador	+ Contável
+ Controlado	

Os casos arrolados são:

Agentivo	Alvo (Benefactivo)
Força Natural	Locativo
Instrumental	Objetivo
Experienciador	

Dispondo — em ordem decrescente de atividade potencial — os traços semânticos em linha e os casos em coluna, formamos a seguinte matriz:

	Intenc	Causa	Contro- lado	Contro- lado	Animado	Concreto	Contábil
Agentivo	+	+	+	-	+	+	+
Força Natural	-	+	+	-	-	-	-
Instrumental	-	+	+	+	±	+	+
Experienciador	-	-	-	+	+	+	+
Locativo	-	-	-	-	-	±	±
Alvo (Benefact.)	-	-	-	-	-	±	±
Objetivo	-	-	-	+	±	±	±

O traço [+ Intencional] é privativo do caso Agentivo — que é portador também do traço [+ Animado]. Na verdade o traço mais importante de Agentivo é [+ Intencional]. Todo [+ Intencional] é obrigatoriamente [+ Animado]. Portanto, para o Agentivo, o traço [+ Animado] é redundante. São redundantes também os traços [+ Causa], [+ Controlador], [+ Concreto] e [+ Contável]. Não vai nos interessar, neste trabalho, a tarefa de eliminar os traços redundantes. É por isso que nossa matriz é plenamente especificada — comportando traços relevantes e irrelevantes.

O traço [+ Causa] supõe algum tipo de energia potencial no caso "detonador" do processo: Agentivo, Força Natural ou Instrumental, em vista do alto quociente de atividade desses casos. Como os três casos são causativos que podem controlar os eventos, é natural que se lhes atribua o traço semântico [+ Controlador].

Os traços semânticos [+ Controlador] e [+ Controlado] concorrem no caso Instrumental, que é controlado em relação ao seu Agentivo, mas comporta-se como [+ Controlador] em relação ao Objetivo ou Alvo que ele atinge ou controla. Assim, em:

O menino quebrou a vidraça com uma bola,

o Instrumental **bola** é [+ Controlado] em relação a **menino**, e [+ Controlador] em relação a **vidraça**.

O traço [+ Animado] é específico dos casos Agentivo e Experienciador, e pode manifestar-se no Instrumental: quando o caso Instrumental for portador do traço [+ Animado], ele funciona como um Agente, e portanto [+ Controlador], em relação aos eventos que controla. Em:

O técnico utilizou o capitão para animar o time,

capitão é Instrumental em relação a **técnico**; mas corresponde a um caso Agentivo em relação a **time**.

Os traços [+ Contável] e [+ Concreto] são implicativos nesta ordem (todo [+ Contável] é [+ Concreto]; mas nem todo [+ Concreto] é [+ Contável]); e podem ou devem manifestar-se em todos os casos, com exceção do caso Força Natural.

A combinatória dos traços de mais baixo quociente de atividade: [+ Controlado], [+ Concreto] e [+ Contável] define o caso Objetivo.

Observando a matriz, constatamos que Agentivo, Força Natural e Instrumental estão estreitamente relacionados em termos de quociente de atividade: apresentam em comum os traços [+ Causa] e [+ Controlador].

Os casos Agentivo e Instrumental estão estreitamente relacionados: a presença de um implica a presença do outro: só podemos conceber numa sentença a presença do caso Instrumental, se admitirmos que lhe subjaz um causativo controlador. Por sua vez, todo Agentivo, para desempenhar sua função, recorre a um Instrumental, que pode ser correferencial a ele, ou extensão de seus membros. O Instrumental pode estar lexicalizado no verbo de modo opaco ou transparente, como veremos a seguir em Algumas Classes Semânticas de Verbos.

Até agora tratamos dos casos e dos traços que os especificam. Para uma visão mais abrangente da Teoria dos Casos, apresentamos a seguir uma classificação semântica dos verbos, apresentada por Walter Cook em 1972. Segundo este lingüista, que se utilizou por sua vez das investigações de Wallace Chafe, os verbos podem ser de:

Estado	Ação
Processo	Ação-Processo

Os verbos de Estado especificam o Objetivo num estado ou numa situação determinada (Oe). Têm forma de adjetivo:

O menino está cansado.

Os verbos de Processo especificam um Objetivo que muda de estado ou de circunstância (O):

As cordas arrebentaram.

Os verbos de Ação especificam os casos Agentivo, Força Natural ou Instrumental (A, FN ou I)

Agentivo: Os jovens trabalham.

Força Natural: O vento sopra violento.

Instrumental: As palavras circulam leves.

Os verbos de Ação-Processo especificam mudança de estado ou situação num Objetivo, por causa de um Agentivo, Força Natural ou Instrumental. Resultam de uma combinatória dos traços dos verbos de Ação e dos verbos de Processo (A,O; FN,O; I,O).

Agentivo: Os jovens constroem um mundo novo.

Força Natural: O vento derrubou os barracos.

Instrumental: As palavras engendram suas aventuras.

Após esta apresentação sumária do modelo dos Casos Profundos podemos ver como se articulam os casos na constituição da sentença portuguesa:

1. Paulo atirou a bola contra a janela. — A, I, A1
Agentivo Instrumental Alvo
2. Paulo ficou em São Paulo. — Oe, L
Objetivo Locativo
3. Paulo guardou o livro na estante. — A, O, L
Agentivo Objetivo Locativo
4. O círculo contém uma cruz. — L, O
Locativo Objetivo
5. A pedra rolou. — O
Objetivo
6. João rolou a pedra — A, O
Agentivo Objetivo
7. Paulo herdou muitas fazendas — A1, O
Alvo (Benefact) Objetivo
8. Paulo vê coisas boas e ruins. — E, O
Exper. Objetivo
9. A chuva destruiu os barracos. — FN, O
Força Nat. Objetivo
10. As balas perfuraram o telhado. — I, O
Instrumental Objetivo
11. O ministro explicou aos industrialistas a razão da crise. A, E, O
Agentivo Experienciador Objetivo

II — ALGUMAS CLASSES SEMÂNTICAS DE VERBOS

Os verbos estudados nesta secção constam de um levantamento inicial de algumas classes semânticas de verbos do português.

As alistagens constituem-se em ponto de partida e primeira amostra do que é possível fazer, aplicando ao português os métodos de análise da Gramática dos Casos Profundos na versão apresentada na primeira parte deste trabalho. A grande maioria dos itens aqui arrolados foi discutida com os alunos da Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, no curso de Semântica da Língua Portuguesa, lá ministrado no 1.º semestre deste ano.

Na Gramática dos Casos Profundos, todas as funções da Sentença estão relacionadas com o verbo, que é seu elemento central. Por isso mesmo, toda abordagem do verbo é, por extensão, um estudo das relações funcionais que mantêm e estruturam a sentença nas línguas naturais.

Examinaremos alguns esquemas casuais de palavras lexicalmente associadas (palavras cognatas); a seguir, procuraremos caracterizar semanticamente os verbos de força causativa; por fim, abordaremos alguns tipos de lexicalização: os que incorporam Instrumental, os que incorporam instrumento de som e os que incorporam material.

II.1. Esquemas Casuais de Palavras Lexicalmente Associadas

Poderíamos esperar que, em princípio, os mesmos casos selecionados por uma base verbal fossem selecionados pelas bases substantiva e adjetiva cognatas. Por conseguinte, a regência de uma base verbal persistiria quando esta base verbal se nominalizasse, isto é, se convertesse em base substantiva ou adjetiva. É dentro deste esquema regular que se comportam, por exemplo, as palavras cognatas **construir**, **construtor** e **construção**. Estas três palavras selecionam os casos Agentivo e Objetivo:

Alguém construir algo — A, O

A construção de algo por alguém — A, O

Alguém ser construtor de algo — A, O

Numa lista inicial, temos:

Verbo	Adjetivo	Substantivo	Esquema Casual
educar	educável	educação	A, E
morrer	mortal	morte	O
agradar	agradável	agrado	A, E
atacar	atacante	ataque	A, E, (I)
lutar	lutador	luta	A1, A2
mentir	mentiroso	mentira	A, E, (O)

O paralelismo funcional acima verificado não persiste em todas as séries do português. Na verdade, é até bastante restrito. Vários fatores, alguns não compreendidos até hoje, resultaram no caráter fortuito e imprevisível de algumas nominalizações. Assim, para **ouvir**, por exemplo, não há o substantivo correspondente. Nem para **querer** ou para **evitar**.

Por outro lado, nem sempre é unívoca a relação semântica entre o verbo e o nome derivado: **capaz, capacitar e capacidade** não têm a mesma distribuição casual. Em:

Ele é capaz de fazer isso,
podemos ter duas leituras: é provável que ele faça isso, ou ele tem capacidade de fazer isso. Mas em:

A capacidade dele de fazer isso,
não mais existe a idéia de probabilidade.

Na quebra do paralelismo há restrições curiosas, como esta apontada por Naro em **engordar e engorda**: posso afirmar que

Alguém engorda,
mas não posso falar na
* Engorda de alguém.

Em X engorda, temos o caso Experienciador [+ Humano]. Mas em a **engorda de X**, o Experienciador é necessariamente [+ Humano].

Podemos citar, também, como quebra de paralelismo sintático-semântico, a série **constituir, constituição, constitucional**. Enquanto **constituição** pode ter duas leituras, uma referindo-se a organização e outra referindo-se a carta maior de uma nação, o adjetivo **constitucional** especializou e limitou seu campo apenas para a segunda leitura.

11.2. Verbos de Força Causativa

Os verbos de força causativa podem servir para 'fazer as coisas acontecerem': um Agentivo recorre a uma segunda pessoa, a quem **ordena, sugere** ou **solicita** alguma coisa. Portanto, esta segunda pessoa funciona como um Instrumental que dá conta da ordem ou solicitação do primeiro Agente, ou como um segundo Agente que realiza a sua sugestão.

Temos dois contextos hierárquicos: um com o primeiro Agentivo em plano superior, e o outro com o primeiro Agentivo em plano ou em atitude inferior.

a) Agentivo1 em plano superior:

O professor mandou a turma fazer o trabalho.
Agentivo1 Agentivo2 — (Instrumental)

Pertencem a este grupo verbos como fazer, obrigar, forçar, ordenar, impelir, coagir, etc. Normalmente o verbo **fazer** é apontado como causativo por excelência. Este verbo implica a realização do feito:

Alguém fez os amigos do casal fugirem.

A mesma característica hierárquica é encontrada nos verbos permissivos: permitir, deixar, autorizar.

b) Agentivo1 em plano inferior (ou em atitude inferior):

Os agricultores pediram ao governo ampliação de crédito.

O ministro pediu ao empresariado que agisse com cautela.

São exemplos deste grupo: rogar, implorar, suplicar, requerer, solicitar.

Quando não houver implicações de nível hierárquico, os verbos se caracterizam como (per)suasórios. Neste caso, o segundo elemento causativo não é caracterizado como Instrumental, e sim como um verdadeiro Agentivo potencial:

A garota encorajou o namorado a fazer o concurso.

Pertencem a este grupo: lembrar, persuadir, insinuar, propor, induzir, animar, estimular, mover, admoestar, insistir, recomendar, exortar, concitar.

Nos três grupos de verbos subjaz a idéia de apelo, juntamente com a de coatuação do Agentivo1 no Agentivo2.

11.3. Verbos com Instrumental Lexicalizado

Os verbos podem lexicalizar (incorporar) o caso Instrumental de modo transparente ou opaco. A lexicalização é transparente quando presente no radical do verbo: **pedalar, pulsar, unhar, abraçar, ajoelhar, amamentar, bocar, bocejar, cabecear, cotovelar, dedilhar, manusear, nasalar, ouvir, pestanejar, pisar**. Pode ocorrer que o elemento lexicalizado não seja propriamente o Instrumental, e sim o Objeto, como em **barbear, depilar, descabelar**.

A lexicalização é poca quando o Instrumental utilizado pelo Agentivo ou Experienciador não está presente no radical do verbo: **apontar, aspirar, beber, beijar, caminhar, cantar, cheirar, chorar, chutar, contemplar, cuspir, degustar, digerir, enrugar, engolir, escrever, escutar, expirar, falar, mastigar, morder, murmurar, observar, palpar, pular, rir, sorrir, saborear, socar, sorver e suar**.

Quando o Instrumental corresponder a **pernas**, ou a sua extensão, podemos ter subcategorização dos movimentos:

para cima — escalar
para baixo — descer
em círculo — resolver
de forma sistemática — desfilar
a curta distância — saltitar
sem direção definida — vaguear
sem equilíbrio estável — cambalear

II. 4. Verbos com instrumento de som lexicalizado

Podemos enfraquecer um som: cochichar, segredar, murmurar. Podemos abafá-lo: emudecer, amordaçar. Podemos também expandi-lo: ressoar, ressonar, ecoar, retumbar.

O instrumento produtor do som pode ser uma Força Natural: zunir, trovejar, estrondar, estrondear.

O instrumento pode estar lexicalizado no corpo do homem, ou ser específico de animais, e englobar então o seu produtor característico. Ele está incorporado no homem, em exemplos como: assobiar, tossir, apitar, aplaudir, gritar, gemer, bochechar, cantar, chorar, vaiar, espirrar, murmurar, fungar, gargalhar, gargarejar.

Nos casos em que o instrumento produtor localiza-se no corpo de outros animais, o verbo permite identificar o animal produtor: grasnar, crocitar, zurrar, ornejar, balir, balar, ladrar, latir, ganir, uivar, mugir, cacarejar, arrulhar, gorjear, pipilar, trinar, coaxar, grunhir, miar, piar, relinchar. Alguns verbos seriam específicos de animais; no entanto podem utilizar-se para dar conta de manifestações "fortes" no homem: roncar, chiar, rosnar, berrar, urrar, azucrinar, esgançar.

Há um caso curioso com um grupo de verbos em que aparece apenas o Instrumental, tendo-se apagado o Agentivo na Estrutura Superficial: buzinar, rufar, tintinar, tilintar, tinir, crepitar, acelerar, apitar.

II.5. Verbos com lexicalização de material

Os verbos que implicam a presença de material podem agrupar-se em verbos de adição, de cobertura, de continente e de mudança de estado.

Os verbos com lexicalização de **adição** supõem um Agentivo, um Instrumental (de trabalho) e o material a ser incorporado: abastecer, acrescentar, adicionar, ababadar, argolar, obturar, recauchutar.

Os verbos com lexicalização de **cobertura** supõem um Agentivo, um Instrumental, e um local a ser coberto com o material: asfaltar, pintar, maquilar, encapar, barrear, ladrilhar, envernizar, marmorear, embalsamar, forrar, telhar, argamassar, gramar, plastificar, laquear, encascalhar, revestir.

Os verbos com lexicalização de **continente** crescem em número, à semelhança dos de cobertura, segundo as técnicas e os materiais utilizados para "guardar elementos": engarrafar, encaixotar, manilhar, abalsar, armazenar, engavetar, enlatar, embalar, embrulhar, enluvar, embarcar, embotijar.

Por fim, os verbos com lexicalização de **mudança de material** dão conta da mudança processada no estado do material constituinte dos objetos: petrificar, solidificar, congelar, liquidificar, carbonizar, desbotar, adiantar, nitrificar, granificar, chamoscar, desfiar, deslustrar, caramelizar.

A pequena mostra de verbos aqui apresentada parece permitir afirmar que os verbos podem ser estudados classificados segundo os esquemas casuais que configuram e de acordo com o que lexicalizam.

III — UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DO TEXTO LITERÁRIO

Se os casos estudados na primeira parte deste trabalho forem considerados universais lingüísticos, ou ao menos candidatos fortes à universalidade, podemos admitir que eles funcionam como um quadro de referência adequado para a descoberta das relações estruturais que configuram o discurso. No caso do discurso literário, o esquema casual revela-se como de grande utilidade, por permitir abordar seu conteúdo conotativo: centrando no verbo as relações semânticas da sentença, podemos explicar a conotação como resultante do deslizamento de traços semânticos dos núcleos dos sintagmas nominais selecionados pelo verbo, segundo razões específicas. O texto é abordado, semanticamente, no plano conotativo, que é o seu plano de verdade. A linguagem segunda (conotativa) só o é porque os verbos lhe permitem ser e lhe revelam a tessitura.

Assim, por exemplo, em

A carreta gemeu,

o traço semântico [+ Animado], presente em **carreta**, resulta da combinação deste substantivo com o verbo **gemer**, que exige como acompanhante um Experienciador [+ Animado]. Logo, por este ângulo de visão não é propriamente nos verbos, e sim nos sintagmas nominais que os acompanham que se materializa a conotação.

O texto que será submetido à análise é de Gilberto Mendonça Teles, e foi publicado em **A Raiz da Fala**, em 1972.

AS PALAVRAS

As palavras engendram suas próprias aventuras no tempo. Sendo neutras, circulam como sombras devolutas surpresas nos seus altos ministérios.

De vez em quando saltam novas ordens
desses seres volúveis que se alinham
noutro nível

por entre a voz do que é
e a franja do mistério que se instaura
e transparece, arbitrário.

Ante os nervos das cordas e dos tímpanos
uma falavra — folhiflor — desliza
na superfície da linguagem,

rio
calcá
rio que atravessa e executa
a solidão humana.

O poema está construído sobre verbos de ação e de ação-processo. Portador de alto quociente de atividade, é dinâmico e causativo. A atividade potencial está presente nos casos que articulam o texto.

Da distribuição dos verbos nas quatro classes básicas, resulta:

Estado	Processo	Ação	Ação-Processo
neutras	(transparece)	circulam	engendram
		saltam	se alinham
		desliza	se instaura
		(transparece)	atravessa
			executa

A cópula só aparece superficializada junto a neutras. A característica estática do texto perdura, mesmo que desdobremos os sintagmas nominais sombras devolutas, novas ordens, etc, em

sombras ser devolutas,
ordens ser novas, etc;

o desdobramento não altera o caráter dinâmico do texto, uma vez que os adjetivos não interferem nas relações existentes entre os verbos e os casos que os acompanham.

Inexistem também construções processivas. Não há, em todo o espaço textual, nenhum Objetivo que mude de estado, sem que esteja manifesto o responsável imediato pelo evento. Mesmo o aparente processo presente em:

o mistério... transparece...

corresponde a ação, uma vez que encontramos o traço [+ Intencional] no adjetivo arbitrário: O mistério... transparece... arbitrário.

No plano da ação, vemos que:

As palavras... circulam...

...saltam novas ordens...

O mistério transparece.

Quanto aos verbos de ação-processo, eles nos mostram que a mudança verificada nos Objetivos é sempre resultante de causativos explícitos:

Uma falavra... atravessa e executa a solidão humana

...novas ordens... se alinham...

As palavras engendram suas próprias aventuras...

Observando os verbos de ação-processo, notamos que os casos responsáveis imediatos pelos eventos são na verdade Instrumentais (palavras, ordens, falavra) proferidos e controlados por Agentivos anônimos.

No enunciado que abre o texto (e fecha o antagonista):

As palavras engendram suas próprias aventuras no tempo, o verbo engendrar apresenta os traços de verbo de criação: as aventuras passam do estado de inexistência para o estado de existência por causa das palavras. Por detrás delas está a causa primeira, o Agentivo, verdadeiro responsável pelas aventuras engendradas.

Também no enunciado que fecha o texto:

rio
calcá
rio que atravessa e executa
a solidão humana,

a causa aparente da mudança de estado da solidão humana é a falavra; mas abaixo da falavra subjaz como Lavra o seu quase-enunciador.

Após essas considerações sobre as características dos verbos e a existência de Agentivos na Estrutura Profunda que controlam os Instrumentais na Estrutura Superficial, podemos desdobrar o poema nos dois momentos que o constituem:

- o momento da ação (Ação-Processo)
- o momento da reação (contração)

No primeiro momento, a ação desencadeada pelas palavras (ou por suas ordenanças) paira sobre o universo do texto. Ela suscita um esboço de resposta, encoberta e escondida na própria tessitura estrutural do discurso.

A ação tem como primeira causa manifesta as palavras. Elas é que engendram suas próprias aventuras no tempo. Num nível (dos possíveis) de codificação semântica, podemos afirmar que o momento da ação constrói-se no plano da Língua: as palavras engendram o que lhes aprouvar; circulam como propriedades de todos e de ninguém: devolutas. Delas, volúveis (porque de todos e de ninguém?), saltam de vez em quando novas ordens

que se alinham
noutro nível
por entre a voz do que é...

Por conseguinte, numa estrutura subjacente ao texto superficial, conotativamente personificado, encontramos por detrás das novas ordens os seus ordenadores; e por detrás das palavras os seus enunciadores ou promulgadores.

O segundo momento é de reação (ou contração) ante os nervos das cordas e dos tímpanos (como órgãos de fala e audição, ou como instrumentos das ordens?). Ante esse aparto uma falavra desliza na superfície da linguagem como um rio calcário.

Uma falavra é uma palavra que já não pertence à Língua, ao grupo, à facção, e sim ao indivíduo. Uma falavra seria da Língua, por direito; mas pertence à Fala, de fato. Uma falavra é uma fala que brota da Lavra individual (Fa/Lavra); e por isso é folhiflor. Ela desliza na superfície da linguagem como rio escondido, em pleno não-manifesto. Como rio calcário e como rio calcado que, preso no corpo do homem, como um gesto não-pronunciado e impronunciável, atravessa-o e o executa, na solidão de não poder ser, ou na condição de ser solitário.

A semelhança de palavras e ordens, falavra é um Instrumental personificado; e tem subjacente a ela o seu in-fante.

Articulando os dois momentos: enquanto a ação é pública, e transparece arbitrariamente, a contração é submersa. Daí, o papel relevante, no texto, do Locativo: como a linguagem é subterrânea ao homem, sua superfície já é profundidade. Portanto, o local do deslizamento da falavra é um locativo virtual, abstrato: na superfície da linguagem.

O tratamento dado ao Locativo é relevante no poema: além de aparecer como local virtual como acima dissemos, ele pode ser expressão do espaço temporal, como em:

As palavras engendram suas próprias aventuras no tempo. E nesse tempo não-marcado que elas circulam como sombras devolutas (e não-marcadas).

No percurso do tempo, de vez em quando saltam novas ordens desses seres volúveis que se alinham noutro nível. por entre a voz do que é...

Aqui, a reconhecida habilidade de Gilberto Mendonça Teles em articular expressão e conteúdo consegue efeitos semântico-pragmáticos inesperados: o Locativo, além de o ser no universo referido, é-o também no espaço textual, no branco do papel que suporta o discurso e o articula.

A articulação locativa da expressão e do conteúdo transparecem mais uma vez, como amálgama semântico-visual, no final do poema:

...uma falavra — folhiflor — desliza
na superfície da linguagem,
rio
calcá rio...
rio...

Rio calcário, transpondo o próprio nível da conotação, adquire traços de metametáfora: com efeito, há dois transportes (além do referente à formação de falavra): o transporte do nível de linguagem primeira, denotativa, para o de linguagem segunda, ou conotativa, ao se atribuírem à falavra os traços de rio calcário, rio subterrâneo; e transporte deste nível ao plano espacial, anafórico, do texto, na segmentação produzida com os elementos mórficos e no seu arranjo espacial.

Noutro campo, o fonossêmico, no espaço fonovisual anafórico do poema, encontramos manifestação semelhante na combinatória efetuada em:

...ministérios — mi(ni)stério — transparece:

as palavras... circulam como sombras devolutas, surpresas nos seus altos ministérios — local físico, ou afazeres. E as novas ordens se alinham noutro nível, por entre a voz do que é a franja do mi(ni)stério que se instaura e transparece arbitrariamente.

Concluindo, afirmamos que ante a ação de agentivos anônimos, perpetrada arbitrariamente pelas palavras e suas ordens, desliza a falavra no interior de um quase-agentivo, anônimo e solitário.

A tentativa de análise aqui esboçada em caráter provisório e conjectural deve ser aprofundada e retomada. Cremos que a Teoria

dos Casos pode constituir-se numa ferramenta útil de análise semântica dos textos. Porque o texto verbal constitui-se na combinação de uma expressão e de um conteúdo. E esse conteúdo deve poder ser depreensível por um modelo semântico internamente consistente e que opere com primitivos semânticos considerados universais.

IV — BIBLIOGRAFIA

- CHOMSKY, Noam. *Aspectos de la Teoría de la Sintaxis*. Madrid, Aguilar, 1970.
- COOK, Waller A. *A set of postulates for Case Grammar Analysis*. In *Languages and Linguistics: Working Papers*, n.º 04, Georgetown University Press, 1972.
- *A Case Grammar Matrix*. Idem, n.º 06, 1972.
- FILLMORE, Charles. *The Case for Case*. In *Universals in Linguistic Theory*. Holt, Rinehart and Winston, INC, New York, 1968.
- *Some problems for Case Grammar*. In *Monograph Series on Languages and Linguistics*, n.º 24, Georgetown University Press, 1971.
- NILSEN, Don Fred Lee. *Toward a Semantic Specification of Deep Case*. The Hague, Mouton, 1972.
- *The Instrumental Case in English — Syntactic and Semantic considerations*. Paris, Mouton, 1973.
- *Semantic Theory — a linguistic perspective*. Newbury House Publishers, Massachusetts, 1975.
- SOTCWELL, Robert et alii. *The Major Syntactic Structures of English*. Holt, Rinehardt and Winston, INC, New York, 1973.
- TELES, Gilberto Mendonça. *A Raiz da Faia*. Rio, Gernasa, 1972.
- VOTRE, S. Josué. *Uma Introdução às Estruturas do Português — Abordagem Transformacional*. Porto Alegre, Emma, 1975.
- *As relações casuais da sentença portuguesa*. — Comunicação apresentada no Encontro Nacional de Linguística. Rio, PUC-RJ, 1976.
- ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente*, 2. ed., São Paulo, Perspectiva, 1974. Original Italiano: 1968.
- ENEL, Françoise. *El Cartel*. Lenguaje, funciones, retórica, Valencia, Fernando Torres Ed., 1974.
- FEIJÓ, Luiz César Saraiva. "O Ensino de Português na Escola de Nível Médio Brasileiro". In: — *1.º Congresso Brasileiro de Línguas e Literatura*, Rio de Janeiro, Gernasa, 1970, p. 117-32.
- HEAD, Brian F. "A Teoria da Linguagem e o Ensino do Vernáculo". In: — *Revista de Cultura Vozes*, 1973, jun/jul: 5, p. 63-72.
- JAKOBSON, Roman. "Linguística e Poética". In: — *Linguística e Comunicação*, 5. ed., São Paulo, Cultrix, 1971. Original Inglês: 1960.
- MENTZ, Christian et alii. *A Análise das Imagens*, Petrópolis, Vozes, 1973. Original francês: 1970.
- MOLES, Abraham. *O Cartaz*, São Paulo, Perspectiva, 1974. Original francês: 1969.
- PEIRCE, Charles Sanders. *La Ciencia de la Semiótica*, Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1974. Original Inglês: 1965.